

O PRIMEIRO AMOR DEIXA MARCAS PARA A VIDA INTEIRA

# o Melhor de Mim

NICHOLAS SPARKS





## O ARQUEIRO

**Geraldo Jordão Pereira** (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Para Scott Schwimer,  
um amigo maravilhoso.*

# 1



**A**s alucinações de Dawson Cole começaram depois da explosão na plataforma, o dia em que ele poderia ter morrido.

Ele achava que tinha visto de tudo em seus 14 anos trabalhando em plataformas de petróleo. Em 1997, testemunhara um helicóptero perder o controle durante o pouso. O gigante de aço caíra no convés, transformando-se em uma violenta bola de fogo, e Dawson sofrera queimaduras de segundo grau nas costas ao tentar resgatar os passageiros. Treze pessoas morreram, a maioria delas passageiros do helicóptero. Quatro anos depois, quando um guindaste desmoronou em uma plataforma, um destroço de ferro do tamanho de uma bola de basquete passou zunindo perto de sua cabeça, a milímetros de arrancá-la. Em 2004, ele era um dos poucos trabalhadores que ainda estavam na plataforma quando um furacão a atingiu, trazendo ventos de mais de 150 quilômetros por hora e ondas tão grandes que ele pensou nos procedimentos de emergência que devia seguir no caso de a plataforma virar. Mas sempre houve outros perigos além desses. Pessoas escorregavam, peças se quebravam. Cortes e contusões eram rotina naquele trabalho. Dawson presenciara muitos ossos quebrados, dois surtos de intoxicação alimentar que afetaram toda a equipe e, dois anos antes, em 2007, vira um navio de abastecimento começar a afundar logo depois de se afastar da plataforma e seus tripulantes serem resgatados no último minuto por uma lancha da Guarda Costeira.

Mas a explosão foi diferente. Como não houve vazamento de petróleo – os dispositivos de segurança evitaram uma catástrofe –, a história mal chegou aos noticiários, sendo esquecida em poucos dias. Porém, para as pessoas que estavam no local, inclusive Dawson, foi um verdadeiro pesadelo. Era uma manhã comum. Ele estava monitorando as estações de

bombeamento quando, de repente, um dos tanques de armazenamento explodiu. Antes que ele pudesse sequer entender o que estava acontecendo, o impacto da explosão o lançou para um depósito ao lado. Em seguida, o fogo tomou tudo. Coberta de graxa e óleo, a plataforma inteira logo se tornou um inferno de chamas. Duas outras explosões fortes sacudiram a estrutura com mais violência ainda. Dawson se lembrava de estar arrastando algumas pessoas para afastá-las do fogo quando uma quarta explosão, mais forte que as anteriores, o arremessou longe novamente. Ele tinha uma vaga lembrança de cair em direção à água, uma queda que, para todos os efeitos, deveria tê-lo matado.

Como muitos outros, ele não tivera tempo de vestir um colete salva-vidas nem de procurar um bote. Quando voltara a si, estava boiando no golfo do México, a cerca de 150 quilômetros da costa da Louisiana. Entre uma onda e outra, conseguira avistar um homem de cabelos pretos acenando ao longe, como se fizesse sinal para que Dawson nadasse até ele. Cansado e zozinho, começara a dar braçadas na direção do homem, lutando contra as ondas. Acreditava estar se aproximando, mas a ondulação do mar tornava impossível saber ao certo. As roupas e as botas o impeliavam para baixo e, quando seus braços e pernas começaram a perder as forças, ele teve certeza de que iria morrer. Foi quando viu um colete salva-vidas em meio a alguns destroços. Então, usando a pouca energia que lhe restava, nadou até ele. Mais tarde, descobriria que estivera na água mais de quatro horas e que se afastara mais de um quilômetro e meio da plataforma antes de ser resgatado por um navio de abastecimento que fora às pressas para o local.

Ele foi levado a bordo e carregado para o convés inferior, com os demais sobreviventes. Dawson estava trêmulo por conta da hipotermia e bastante desorientado. Embora sua visão estivesse embaçada – depois descobriria ter sofrido uma concussão leve –, pôde perceber a sorte que tivera. Viu homens com queimaduras graves nos braços e nos ombros, enquanto outros sangravam pelos ouvidos ou tinham sofrido fraturas. Conhecia a maioria deles pelo nome. Não havia muitos lugares aonde ir na plataforma – ela era basicamente um vilarejo no meio do oceano – e todos acabavam se encontrando no refeitório, na sala de recreação ou na academia mais cedo ou mais tarde.

Um homem, no entanto, lhe parecia vagamente familiar. Vestia um casaco azul que algum tripulante do navio devia ter lhe emprestado e, da outra

extremidade do recinto abarrotado, encarava Dawson. Seus cabelos eram pretos e ele aparentava uns 40 anos. Dawson achou que ele parecia deslocado ali, mais lembrando alguém que trabalhasse em um escritório do que em uma plataforma no mar. O homem acenou e o vulto que Dawson avistara na água lhe veio à cabeça. *Era* ele. De repente, sentiu os pelos da nuca se eriçarem. Antes que pudesse identificar a origem daquela inquietude, um cobertor surgiu sobre seu ombro e ele foi levado até um canto onde um médico aguardava para examiná-lo.

Quando voltou a sentar, o homem de cabelos pretos havia desaparecido.

Ao longo da hora seguinte, mais sobreviventes foram levados a bordo, porém, à medida que seu corpo voltava a se aquecer, Dawson começou a imaginar o que teria acontecido ao restante da tripulação. Homens com os quais havia trabalhado por anos a fio continuavam desaparecidos. Mais tarde, descobriria que 24 pessoas tinham morrido. Com o tempo, a maioria dos corpos foi encontrada, mas não todos. Enquanto se recuperava no hospital, Dawson não conseguia parar de pensar que algumas das famílias nem ao menos tiveram a possibilidade de se despedir das pessoas que amavam.

Depois da explosão, ele começou a ter dificuldade para dormir. Não por causa de pesadelos, mas porque não conseguia se livrar da sensação de estar sendo observado. Ele se sentia... *assombrado*, por mais ridículo que parecesse. Dia e noite, notava algum movimento com o canto do olho, mas, sempre que se virava, não havia nada nem ninguém. Começou a achar que estava enlouquecendo. O médico achou que aquilo talvez pudesse ser algum tipo de estresse pós-traumático e que seu cérebro talvez ainda não estivesse totalmente curado da concussão. Aquilo fazia sentido, mas não convencia Dawson. Ele apenas assentiu e o médico lhe prescreveu pílulas para dormir. Dawson nem se deu o trabalho de comprá-las.

Ele recebeu uma licença remunerada de seis meses enquanto as questões jurídicas eram avaliadas. Três semanas depois, a empresa em que trabalhava lhe ofereceu um acordo e ele assinou os papéis. A essa altura, um bando de advogados já havia entrado em contato com Dawson – todos ávidos por assumir uma ação coletiva –, mas ele não queria se aborrecer. Apenas aceitou o acordo e, no dia em que recebeu o cheque, o depositou.

Com dinheiro suficiente para que algumas pessoas o considerassem rico, logo depois Dawson transferiu a maior parte do valor para uma con-



ta nas ilhas Cayman. Dali, o montante foi enviado para uma conta corporativa no Panamá, que tinha sido aberta quase sem burocracia, e então transferido para seu destino final. Como sempre, seria quase impossível rastrear o dinheiro.

Ele ficou apenas com o suficiente para o aluguel e algumas despesas básicas. Não precisava de muito. Nem queria muito. Morava em uma casinha simples no final de uma estrada de terra nos arredores de Nova Orleans. Quem a visse provavelmente acharia que seu maior mérito era não ter sido levada pelo furacão Katrina, em 2005. O revestimento das paredes externas estava rachado e já sem cor. O interior consistia em um banheiro, um quarto, uma sala de estar mínima e uma cozinha em que mal cabia um frigobar. O isolamento térmico era precário e, com o passar dos anos, a umidade havia deformado o piso, o que dava a impressão de se estar sempre andando em declives. O linóleo da cozinha estava rachado nos cantos, o carpete que cobria algumas áreas estava puído e a mobília fora comprada em bazares. Não havia uma só fotografia enfeitando as paredes. Embora Dawson morasse ali fazia quase 15 anos, aquele era mais o lugar em que ele dormia, tomava banho e fazia suas refeições do que propriamente um lar.

Apesar de velha, sua casa estava quase sempre tão impecável quanto as dos bairros chiques da cidade. Dawson era – sempre fora – um tanto obcecado por limpeza e organização. Duas vezes por ano vasculhava tudo em busca de rachaduras e frestas, que consertava para manter roedores e insetos longe. Sempre que estava prestes a embarcar, esfregava com desinfetante o chão da cozinha e o do banheiro e tirava dos armários qualquer coisa que pudesse estragar ou mofar. Durante sua ausência, sobretudo no verão, qualquer coisa que não fosse enlatada corria esse risco. Geralmente ele trabalhava por 30 dias, depois ficava outros 30 de folga. Quando voltava, fazia outra faxina completa, mantendo tudo bem arejado para se livrar do cheiro de mofo.

Era um recanto silencioso, e isso era tudo de que ele precisava. Ficava a quase meio quilômetro da estrada principal e ainda mais distante de qualquer vizinho. Depois de passar um mês na plataforma, essa tranquilidade era exatamente o que ele queria. Uma das coisas com as quais nunca se acostumara no trabalho era o barulho incessante. Um barulho anormal. Guindastes repondo suprimentos, helicópteros voando, motores girando, o martelar ininterrupto de metal contra metal – a cacofonia não para-

va nunca. As plataformas bombeavam petróleo 24 horas por dia, o que significava que a barulheira não tinha fim nem mesmo quando Dawson estava tentando dormir. Ele fazia o possível para ignorá-la quando estava embarcado, mas, sempre que voltava para casa, ficava impressionado com o silêncio quase impenetrável mesmo nas horas em que o sol estava alto no céu. Pela manhã, conseguia ouvir os pássaros nas árvores e, ao cair da noite, ficava escutando como as cigarras e os sapos às vezes cantavam em sincronia.

Em geral, isso era relaxante, mas de vez em quando fazia com que ele se lembrasse do lugar de onde viera. Quando isso acontecia, Dawson ia para dentro de casa, forçando-se a afastar a lembrança. Ele tentava se concentrar nas rotinas simples que dominavam sua vida em terra firme. Comia, dormia, corria, levantava peso e consertava seu carro. Pegava a estrada e fazia longas viagens sem destino. Vez por outra, ia pescar. Lia todas as noites e, de vez em quando, escrevia uma carta para Tuck Hostetler. Isso era tudo. Não tinha televisão nem rádio e, embora possuísse um telefone celular, nos contatos só havia números de pessoas do trabalho. Fazia compras e passava na livraria uma vez por mês, mas, fora isso, nunca passeava por Nova Orleans. Em 14 anos, nunca tinha ido à Bourbon Street ou caminhado pelo Quarteirão Francês, jamais tomara um café no Du Monde, nem a famosa mistura de licor de romã, rum e suco de frutas do Lafitte's. Em vez de ir a uma academia, malhava nos fundos da casa, sob uma lona que havia pendurado entre a parede e duas árvores. Não ia ao cinema e não passava as tardes de domingo assistindo a jogos de futebol na casa de amigos. Estava com 42 anos e não tinha uma namorada desde a adolescência.

A maioria das pessoas não gostaria nem seria capaz de viver dessa forma, mas elas não o conheciam, não sabiam quem ele tinha sido ou o que fizera. Dawson preferia que as coisas continuassem assim.

Então, em uma tarde quente de meados de junho, quando Dawson estava de licença havia quase nove semanas, um telefonema inesperado fez com que suas lembranças voltassem à tona. Pela primeira vez em quase 20 anos, finalmente voltaria à sua cidade natal. A ideia o deixava apreensivo, mas ele sabia que não tinha escolha. Tuck era mais que um amigo: fora um verdadeiro pai para ele.

Em meio ao silêncio, enquanto refletia sobre o ano que havia sido um divisor de águas em sua vida, Dawson tornou a perceber um movimento



com o canto do olho. Quando se virou, não havia absolutamente nada ali. Mais uma vez se perguntou se não estaria enlouquecendo.



Quem havia telefonado fora Morgan Tanner, um advogado da cidade de Oriental, na Carolina do Norte, para lhe informar que Tuck Hostetler tinha falecido.

– Há algumas providências que precisam ser tomadas pessoalmente – explicou Tanner.

Assim que desligaram, Dawson agendou seu voo e reservou um quarto em uma pousada da região. Em seguida, telefonou para uma floricultura e encomendou um buquê de flores.

Na manhã seguinte, depois de trancar a porta, seguiu para os fundos da casa, em direção ao galpão de zinco onde guardava seu carro. Era uma quinta-feira, 18 de junho de 2009, e ele levava consigo seu único terno e uma bolsa de viagem que arrumara no meio da noite, enquanto não conseguia dormir. Abriu o cadeado e rolou a porta para cima, observando a luz do sol banhar o carro que vinha restaurando e consertando desde os tempos de escola. Era um Mustang 1969 esportivo, com carroceria contínua. O tipo de carro que fazia as pessoas pararem para olhar quando Nixon era presidente e continuava causando o mesmo efeito nos dias de hoje. Parecia ter acabado de sair da linha de montagem e, ao longo dos anos, inúmeros desconhecidos haviam mostrado interesse em comprá-lo. Dawson recusara todas as ofertas. “É mais do que um carro”, dizia a eles, sem dar maiores explicações. Tuck teria entendido perfeitamente.

Dawson jogou a bolsa no banco do carona e estendeu o terno sobre ela antes de sentar ao volante. Girou a chave, fazendo o motor dar partida com um rugido alto, e manobrou o carro até o caminho de cascalho, descendo em seguida para trancar o galpão. Nesse meio-tempo, repassou uma lista em sua cabeça para se certificar de que não se esquecera de nada. Dois minutos depois, estava na estrada principal e, meia hora mais tarde, parava o carro no estacionamento do aeroporto de Nova Orleans. Detestava a ideia de deixá-lo ali, mas não tinha escolha. Recolheu suas coisas e seguiu para o terminal, onde pegou a passagem no balcão da companhia aérea.

O aeroporto fervilhava. Homens e mulheres andavam de braços dados, famílias iam visitar os avós ou a Disney, estudantes faziam o trajeto da universidade para casa ou vice-versa, homens de negócios falavam ao celular enquanto arrastavam suas malas de rodinhas. Ele foi para a fila de embarque, que se movia lentamente, e esperou sua vez. Mostrou seus documentos e respondeu ao questionário básico de segurança antes de receber o cartão de embarque. Faria uma escala de pouco mais de uma hora em Charlotte. Não era ruim. Depois que aterrissasse em New Bern e pegasse o carro que alugara, teria mais 40 minutos de estrada pela frente. Se não houvesse atrasos, estaria em Oriental no fim da tarde.

Só foi perceber quanto estava cansado quando sentou em seu lugar no avião. Não sabia bem a que horas finalmente pegara no sono – da última vez que havia conferido, eram quase quatro da manhã –, mas imaginou que fosse dormir bastante durante o voo. Além disso, poderia descansar um pouco mais quando chegasse à cidade, uma vez que não teria muito o que fazer lá. Era filho único e sua mãe o abandonara quando ele tinha 3 anos. O pai, por sua vez, fizera ao mundo o favor de beber até morrer. Fazia anos Dawson não falava com alguém da família. Não pretendia retomar os laços àquela altura.

Seria uma viagem rápida, do tipo bate e volta. Ele não tinha intenção de se demorar mais do que o necessário, apenas cuidaria do que precisava ser feito. Podia até ter sido criado em Oriental, mas nunca pertencera àquele lugar. A cidade que ele conhecia não se parecia em nada com a imagem que se vendia aos turistas. Para a maioria das pessoas que passava uma tarde ali, Oriental devia parecer uma cidadezinha pitoresca, apreciada por artistas, poetas e aposentados que não queriam nada mais do que passar seus últimos anos de vida velejando no rio Neuse. Havia um centro comercial, com direito a antiquários, galerias de arte e cafés, assim como mais festivais do que parecia possível para uma cidade com menos de mil habitantes. Mas a verdadeira Oriental, a que ele conhecera, era aquela das famílias que habitavam a região desde o período colonial. Pessoas como o juiz McCall e o xerife Harris, como Eugenia Wilcox e as famílias Collier e Bennett. Eram elas que sempre tinham sido as donas da terra e das plantações, que vendiam a madeira e comandavam os negócios. Eram elas a poderosa influência oculta na região que sempre lhes pertencera – e que mantinham do jeito que desejavam.

Dawson sentira isso na própria pele aos 18 anos e novamente aos 23, quando finalmente fora embora dali. Não era fácil ser um Cole em nenhuma parte do condado de Pamlico, sobretudo em Oriental. Até onde sabia, todos os Cole desde seu bisavô tinham passado pela prisão em algum momento. Vários tinham sido condenados, por tudo o que se pudesse imaginar, desde roubo seguido de agressão, passando por incêndio criminoso e tentativa de homicídio, até assassinato. A propriedade de solo rochoso e matas que abrigava a família e os agregados era como um país à parte, com leis próprias, e nela se espalhavam cabanas decrepitas, casebres e celeiros entulhados de lixo. A menos que não tivesse escolha, até o xerife evitava entrar nela. Caçadores mantinham distância, supondo, com razão, que a placa que dizia INVASORES SERÃO RECEBIDOS À BALA não era um simples alerta, mas uma promessa.

Da família Cole faziam parte contrabandistas de bebida, traficantes de drogas, bebedores, cafetões, assaltantes, homens que batiam nas esposas, pais e mães que agrediam os filhos, mas, sobretudo, sua marca registrada era a violência. Segundo um artigo publicado em uma revista, era uma das famílias mais cruéis e vingativas da região. O pai de Dawson não era exceção. Passara boa parte da vida, dos 20 anos ao começo dos 30, na cadeia devido a vários crimes, inclusive apunhalar um homem com um picador de gelo por ter ultrapassado seu carro na estrada. Por duas vezes, ele havia sido julgado por assassinato e absolvido, depois que as testemunhas desapareceram. Até os parentes sabiam que era melhor não irritá-lo. Como e por que sua mãe se casara com ele era algo que Dawson não conseguia sequer imaginar. Não a culpava de ter fugido. Quisera fazer o mesmo durante a maior parte da infância. Também não a culpava de não tê-lo levado junto. Os homens da família Cole eram estranhamente possessivos quanto a seus filhos. Dawson não tinha dúvidas de que o pai os teria caçado e pegado o filho de volta de qualquer forma. Ele chegara a dizer isso mais de uma vez, porém Dawson não tivera coragem de perguntar o que o pai teria feito se ela se recusasse a devolvê-lo. Já sabia a resposta.

Ele se perguntou quantos de seus parentes ainda estariam morando naquela propriedade. Quando enfim fora embora, viviam ali, além de seu pai, um de seus avôs, quatro tios, três tias e 16 primos. Àquela altura, os primos já teriam os próprios filhos, então devia haver ainda mais gente lá, mas ele não tinha a menor vontade de descobrir. Aquele podia ter sido o mundo

em que Dawson crescera, mas, assim como Oriental, nunca fora o lugar ao qual pertencia. Talvez sua mãe, seja lá quem fosse, tivesse algo a ver com isso, mas Dawson não era como aquela gente. Ao contrário dos primos, ele tirava boas notas e nunca brigava na escola. Não se envolvia com drogas nem bebida e, na adolescência, evitava sair com os primos quando eles iam de carro até a cidade em busca de encrenca. Nessas ocasiões, geralmente lhes dizia que precisava cuidar da destilaria ou ajudar a depenar um carro que alguém da família roubara. Ficava na dele e fazia de tudo para passar o mais despercebido possível.

Era como andar em uma corda bamba. Os Cole podiam ser criminosos, mas não eram burros. Dawson sabia instintivamente que deveria se esforçar ao máximo para não deixar que notassem quanto era diferente. Devia ser o único aluno em toda a história de sua escola que fazia as provas tentando não acertar tudo ou que adulterava o boletim para baixar as próprias notas. Descobrira como esvaziar uma lata de cerveja às escondidas quando alguém virava as costas, furando-a com uma faca. Fazia serão até tarde no trabalho para ter uma desculpa para evitar os primos. Isso deu certo por um tempo, mas logo começaram a surgir rachaduras em sua fachada. Um professor comentou com um amigo de biritade de seu pai que ele era o melhor aluno da turma, tias e tios começaram a se dar conta de que, entre todos os primos, ele era o único que nunca infringira a lei. Ele era diferente em uma família que valorizava a lealdade entre si e a conformidade com os próprios padrões acima de tudo o mais. Não poderia haver pecado maior do que esse.

Seu pai ficara furioso. Embora Dawson estivesse acostumado a apanhar desde muito pequeno – quando o pai usava cintos e correias –, aos 12 anos as surras começaram a piorar. Seu pai batia em suas costas e no peito até que ficassem azulados, então voltava uma hora depois, concentrando-se no rosto e nas pernas. Os professores sabiam o que estava acontecendo, mas temiam pelas próprias famílias e ficavam calados. Até o xerife fingia não ver os hematomas e vergões do menino enquanto ele voltava caminhando da escola.

Já o restante da família não via problemas no que estava acontecendo. Abee e Ted, seus primos mais velhos, o agrediram mais de uma vez, surrando-o tão feio quanto seu pai. Abee porque achava que Dawson estava fazendo por merecer; Ted, por pura diversão. Alto e corpulento, de punhos

enormes, Abee era violento e tinha pavio curto, porém era mais inteligente do que parecia. Ted, por outro lado, era ruim de nascença. No jardim de infância, golpeara um colega com um lápis enquanto brigavam por uma menina. Antes de ser finalmente expulso, no quinto ano, já havia mandado outro colega de classe para o hospital. Diziam que tinha matado um viciado quando ainda era adolescente. Dawson calculara que seria melhor não revidar. Em vez disso, aprendera a se proteger enquanto levava os golpes, até que os primos se entediassem ou ficassem cansados.

Apesar de tudo, ele não participava dos negócios da família, e cada vez se convencia mais de que nunca o faria. Debaixo da cada chuva de pancadas, ele tentava imaginar a coragem que a mãe tivera ao cortar todos os laços com aquela família. Com o tempo, descobriu que quanto mais gritava, mais o pai batia, então passou a ficar calado. Por mais violento que o pai fosse, não passava de um valentão, e Dawson sabia que valentões só entram em brigas que sabem que vão vencer. Sabia também que chegaria uma hora em que ele seria forte o bastante para revidar, em que não teria mais medo.

Então se esforçou ao máximo para acelerar esse processo. Amarrou a uma árvore um saco cheio de trapos, que esmurrava por horas a fio. Usava pedras e peças de motor como peso sempre que podia. Fazia barra, flexões e abdominais. Antes de completar 13 anos, ganhara 4,5 quilos de músculos. Aos 14, ganhara outros nove. Estava crescendo, também. Aos 15 anos, já era quase tão alto quanto o pai.

Um mês depois de completar 16 anos, quando o pai quis atacá-lo com um cinto depois de uma noite de bebedeira, Dawson se levantou e o arrancou de sua mão. Jurou ao pai que, se voltasse a tocar nele mais uma vez que fosse, ele o mataria.

Naquela noite, sem ter para onde ir, Dawson se refugiou na oficina de Tuck. Quando ele o encontrou, na manhã seguinte, o rapaz lhe pediu um emprego. O homem limpou as mãos no lenço que mantinha no bolso de trás da calça, analisando-o enquanto pegava um cigarro. Na época, tinha 61 anos e era viúvo havia dois. Tuck não tinha motivo para ajudar Dawson, que, além de um estranho, era também um Cole. Quando falou, o hálito exalou um cheiro de álcool e a voz saiu ríspida por conta dos cigarros sem filtro que fumava desde criança. Seu sotaque, como o de Dawson, era totalmente interiorano:

– Imagino que saiba desmontar carros, mas faz alguma ideia de como montá-los de volta?

- Sim, senhor – respondera Dawson.
- Tem que ir à escola hoje?
- Sim, senhor.
- Então volte aqui depois da aula e verei o que posso fazer.

Dawson apareceu, conforme o combinado, e fez de tudo para provar seu valor. Depois do expediente, choveu durante a maior parte da noite. Quando Dawson voltou às escondidas para a oficina em busca de abrigo, Tuck esperava por ele.

O homem não falou nada. Em vez disso, deu uma longa tragada em seu cigarro, estreitando os olhos em silêncio. Depois de um tempo, voltou para dentro de casa. Dawson nunca mais passou uma noite na propriedade da família. Tuck não cobrava aluguel e o rapaz comprava a própria comida.

Com o passar dos meses, pela primeira vez na vida, Dawson começou a pensar no futuro. Economizava o máximo que podia, permitindo-se apenas o luxo de comprar um carro em um ferro-velho e, às vezes, chá em uma lanchonete. À noite, depois do trabalho, consertava seu carro enquanto tomava o chá e sonhava ir para a faculdade, algo que nenhum Cole fizera antes. Cogitou entrar para o Exército, ou simplesmente alugar um canto só para ele, mas, antes que pudesse tomar uma decisão, seu pai apareceu de repente na oficina. Veio acompanhado de Ted e Abee. Ambos traziam tacos de beisebol e ele conseguiu ver o volume de um canivete no bolso de Ted.

– Me dê o dinheiro que você ganhou – disse o pai sem rodeios.

– Não – respondeu Dawson.

– Sabia que iria dizer isso, moleque. Você pode me dar o que me deve por ter fugido ou Ted e Abee podem lhe dar uma surra e pegar a grana. Dawson ficou calado. O pai cutucou as gengivas com um palito de dente.

– Veja bem, tudo o que preciso para acabar com essa sua vidinha é que alguém cometa um crime lá na cidade. Um arrombamento, talvez, ou um incêndio. Quem sabe? Depois, é só plantar umas provas, dar um telefonema anônimo para o xerife e deixar a lei fazer seu trabalho. Você vai estar sozinho aqui a noite inteira, sem nenhum álibi, e por mim pode passar o resto da vida apodrecendo em uma cela. Não dou a mínima. Então, por que não me passa a grana de uma vez?

Dawson sabia que o pai não estava blefando. Mantendo o rosto impassível, tirou o dinheiro da carteira. Depois de contar as notas, seu pai cuspiu o palito no chão e sorriu.



– Eu volto na semana que vem.

Dawson se virava com o que tinha. Conseguia separar um pouco do dinheiro que ganhava para continuar a consertar o carro e comprar o chá, mas a maior parte do salário ia para o bolso do pai. Desconfiava que Tuck soubesse o que estava acontecendo, mas o homem nunca abordou o assunto diretamente – não por medo dos Cole, mas porque não era da sua conta. Em vez de tocar no assunto, Tuck começou a preparar comida de mais para um homem que jantava sozinho.

– Sobrou um pouco, se você quiser – dizia, levando um prato até a oficina.

Geralmente, voltava para dentro de casa sem falar mais nada. Era assim que a relação dos dois funcionava, e Dawson respeitava isso. Ele respeitava Tuck. À sua maneira, aquele homem se tornara a pessoa mais importante de seu mundo, e o rapaz não conseguia imaginar nada que pudesse mudar esse fato.

Até o dia em que Amanda Collier entrou em sua vida.

Embora conhecesse Amanda havia muito tempo – existia apenas uma escola de ensino médio no condado de Pamlico e os dois tinham estudado juntos a vida toda –, foi somente no último ano que eles trocaram mais do que algumas poucas palavras pela primeira vez. Ele sempre a achava bonita, mas não era o único: Amanda era popular, o tipo de garota que estava sempre cercada de amigas no refeitório enquanto os rapazes competiam por sua atenção. Além disso, ela não só era representante de turma, como também animadora de torcida. Para completar, era rica e tão inacessível para Dawson quanto uma artista de tevê. Ele nunca havia lhe dirigido uma palavra, até que os dois acabaram se tornando parceiros de laboratório na aula de química.

Enquanto trabalhavam em tubos de ensaio e estudavam juntos para as provas do semestre, Dawson percebeu que ela era totalmente diferente do que ele havia imaginado. Primeiro, o fato de ela ser uma Collier e ele ser um Cole não parecia fazer a menor diferença para Amanda. Seu riso era solto e desenfreado e, quando ela sorria, havia algo de travesso em sua expressão, como se soubesse de algo de que ninguém mais suspeitava. Seu cabelo era louro, da cor do mel, e seus olhos, azuis como um céu de verão. De vez em quando, enquanto os dois anotavam fórmulas em seus cadernos, ela tocava o braço de Dawson para chamar sua atenção. A sensação de seu toque durava horas e horas. À tarde, trabalhando na oficina, Dawson muitas vezes se via incapaz de parar de pensar em Amanda. Demorou a

primavera inteira para criar coragem e convidá-la a tomar um sorvete e, por volta do final do ano letivo, os dois já estavam passando cada vez mais tempo juntos.

Isso foi em 1984 e ele tinha 17 anos. Quando o verão acabou, ele já sabia que estava apaixonado e, quando o ar ficou mais fresco e as folhas de outono começaram a cobrir o chão de vermelho e amarelo, não tinha dúvidas de que queria passar o resto da vida com Amanda, por mais louco que isso parecesse. Eles continuaram juntos no ano seguinte: estavam cada vez mais unidos e passavam todo momento que podiam ao lado um do outro. Com Amanda, era fácil para Dawson ser ele mesmo. Pela primeira vez na vida, ele se sentia feliz.

Mesmo depois de tanto tempo, às vezes a única coisa em que conseguia pensar era naquele último ano juntos. Ou, melhor dizendo, a única coisa em que ele conseguia pensar era Amanda.



Dawson se acomodou no avião. Pegara um lugar à janela, na metade traseira da aeronave, ao lado de uma jovem: ruiva, 30 e poucos anos, alta, braços e pernas longos. Não fazia exatamente seu tipo, mas era bonita. A ruiva esbarrou nele enquanto procurava o cinto de segurança e se desculpou com um sorriso.

Dawson meneou a cabeça, mas, percebendo que ela estava prestes a puxar assunto, olhou pela janela. Enquanto observava o carro de bagagens se afastar do avião, deixou-se levar, como tantas vezes, por suas antigas recordações de Amanda. Lembrou-se das ocasiões em que foram nadar no rio Neuse naquele primeiro verão, seus corpos molhados roçando um no outro; de como Amanda costumava se empoleirar em um banco da oficina de Tuck enquanto ele trabalhava em seu carro, abraçando os joelhos e fazendo-o imaginar que tudo o que queria era ficar ali, a observá-la para sempre. Em agosto, quando Dawson finalmente conseguiu fazer seu carro funcionar, ele a levava à praia. Lá, os dois se deitaram em toalhas, suas mãos entrelaçadas enquanto conversavam sobre seus livros e filmes favoritos, sobre seus segredos e sonhos.

Eles também discutiam e, nessas ocasiões, Dawson conhecia a personalidade forte de Amanda. Os desentendimentos entre os dois não eram fre-

quentes, mas tampouco eram raros. O curioso era que, por mais depressa que os ânimos se exaltassem, eles quase sempre voltavam a se acalmar com a mesma rapidez. Às vezes uma bobagem os fazia brigar feio – Amanda podia ser muito teimosa –, mas geralmente isso não dava em nada. Mesmo quando Dawson ficava irritado de verdade, não conseguia deixar de admirar a franqueza dela, porque Amanda era a pessoa que mais se importava com ele.

Além de Tuck, ninguém entendia o que ela teria visto em Dawson. Embora a princípio houvessem tentando esconder o relacionamento, Oriental era uma cidade pequena e as pessoas inevitavelmente começaram a fofocar. As amigas de Amanda se afastaram uma a uma e foi apenas questão de tempo até que os pais dela descobrissem o motivo. Ele era um Cole e ela, uma Collier, o que era mais do que suficiente para causar espanto. No começo, os pais de Amanda se agarraram à esperança de que ela estivesse apenas passando por uma fase rebelde e tentaram ignorar o assunto. Quando isso não deu certo, as coisas ficaram mais difíceis para ela. Eles confiscaram sua carteira de motorista e a proibiram de usar o telefone. Durante o outono, ela passou semanas a fio de castigo e foi proibida de sair nos fins de semana. Dawson nunca teve permissão de entrar na casa da família e, na única vez em que o pai de Amanda lhe dirigiu a palavra, foi para chamá-lo de “vagabundo imprestável”. A mãe de Amanda implorou a ela que terminasse o namoro e, em dezembro daquele ano, o pai parou de falar com a filha.

A hostilidade que cercava o casal só serviu para aproximar os dois ainda mais e, quando Dawson começou a segurar a mão da namorada em público, Amanda a agarrava com força, desafiando qualquer um a mandar que ela a largasse.

Mas Dawson não era ingênuo. Por mais que gostasse de Amanda, sempre teve a sensação de que estavam apenas adiando o inevitável. Tudo e todos pareciam conspirar contra eles. Quando seu pai descobriu a respeito de Amanda, começou a perguntar sobre ela quando ia recolher o salário do filho. Embora não houvesse nada claramente ameaçador em seu tom de voz, o simples fato de ouvi-lo dizer o nome de sua namorada bastava para embrulhar o estômago do rapaz.

Em janeiro Amanda completou 18 anos, porém, por mais que estivessem furiosos com o namoro, os pais não a expulsaram de casa. Àquela

altura, ela já não se importava com o que eles pensavam – ou pelo menos era isso que sempre dizia ao namorado. Às vezes, depois de mais uma discussão feroz com os pais, ela escapava pela janela do quarto no meio da noite e ia para a oficina. Geralmente Dawson estava esperando por ela, mas vez por outra acordava com Amanda empurrando-o para o lado enquanto se juntava a ele na esteira em que dormia, no chão. Eles então caminhavam até o riacho, onde Dawson passava o braço ao redor da namorada e os dois ficavam sentados em um dos galhos baixos de um antigo carvalho. Ali, sob o luar, enquanto as tainhas saltavam na água, ela contava a discussão que tivera com os pais, às vezes com a voz trêmula, mas sempre tomando cuidado para não magoar Dawson. Ele a amava por isso, mas sabia muito bem o que os pais dela pensavam a seu respeito. Certa noite em que lágrimas escorriam dos olhos de Amanda, depois de outra dessas brigas, ele sugeriu com brandura que talvez fosse melhor que os dois parassem de se ver.

– É isso que você quer? – balbuciou ela, com a voz embargada.

Ele a puxou para si, envolvendo-a nos braços.

– Eu só quero que você seja feliz – sussurrou.

Ela se apertou contra o corpo do namorado, descansando a cabeça em seu ombro. Enquanto a abraçava, Dawson se odiou mais que nunca por ter nascido na família Cole.

– É quando estou com você que sou mais feliz – murmurou ela.

Mais tarde naquela noite, eles fizeram amor pela primeira vez. E, pelas duas décadas seguintes, e ainda depois, ele carregou dentro de si as lembranças e aquelas palavras, sabendo que valiam para os dois.



Depois de aterrissar em Charlotte, Dawson jogou sua bolsa de viagem e o terno sobre o ombro e atravessou o terminal, mal notando o burburinho à sua volta enquanto remoía as recordações de seu último verão com Amanda. Na primavera daquele ano, ela recebera uma carta dizendo que havia sido aceita na Universidade Duke, seu sonho de infância. O fantasma de sua partida, aliado ao isolamento que sofria por parte da família e dos amigos, só aumentou o desejo dos dois de ficar o máximo de tempo possível juntos. Eles passavam horas na praia e davam longos passeios de carro

com o rádio no último volume, ou simplesmente ficavam à toa na oficina de Tuck. Juraram que nada mudaria depois que ela fosse para a faculdade: ou ele iria de carro até Durham ou ela viria visitá-lo. Amanda não tinha dúvidas de que eles dariam um jeito.

Seus pais, no entanto, tinham outros planos. Em uma manhã de sábado de agosto, pouco mais de uma semana antes de ela partir para Durham, eles a puseram contra a parede antes que ela pudesse escapulir de casa. Sua mãe foi a única a falar, embora Amanda soubesse que o pai concordava com cada palavra pronunciada por ela.

– Isso já foi longe demais – começou a mãe, e em seguida, em um tom de voz surpreendentemente calmo, disse que, se Amanda continuasse a se encontrar com Dawson, teria de sair de casa e começar a pagar as próprias contas. Os pais também não pagariam sua faculdade. – Por que deveríamos gastar dinheiro com seus estudos, se você está jogando sua vida fora?

Quando Amanda começou a protestar, a mãe a interrompeu na mesma hora:

– Ele irá arrastá-la para a lama, Amanda, mas você ainda é jovem demais para entender isso. Então, se quer ter a liberdade de uma adulta, terá de assumir as responsabilidades de uma adulta. Pode ficar com Dawson e jogar sua vida no lixo, nós não vamos impedi-la. Mas também não vamos ajudá-la.

Amanda saiu correndo de casa, pensando apenas em encontrar Dawson. Quando chegou à oficina, chorava tão forte que não conseguia falar. O namorado a abraçou firme, deixando os fragmentos da história virem à tona quando finalmente os soluços de Amanda se aplacaram.

– Podemos morar juntos – disse ela, seu rosto ainda úmido.

– Onde? – perguntou ele. – Aqui, na oficina?

– Não sei. Nós vamos dar um jeito.

Dawson ficou calado, olhando para o chão.

– Você precisa ir para a faculdade – disse ele enfim.

– Que se dane a faculdade! – protestou Amanda. – O que importa para mim é você.

Ele deixou os braços caírem.

– E o que importa para mim é você. E é por isso que não posso fazer com que perca a faculdade.

Ela balançou a cabeça, perplexa.

– Você não está me fazendo perder nada. Meus pais, sim. Estão me tratando como se eu ainda fosse criança.

– É por minha causa. Nós dois sabemos disso. – Ele chutou o chão. – Quando você ama uma pessoa, precisa libertá-la, não é?

Pela primeira vez, um brilho surgiu nos olhos de Amanda.

– E, se ela voltar, é porque o destino quis assim? É isso que você acha que está acontecendo? Que nossa vida virou um clichê? – Ela agarrou o braço de Dawson, fincando os dedos em sua pele. – Nós não somos um clichê – prosseguiu Amanda. – Vamos encontrar uma maneira. Posso arranjar um emprego de garçonne ou coisa parecida, daí podemos alugar um apartamento.

Ele manteve a voz calma, esforçando-se para que ela não falhasse.

– Como? Acha que meu pai vai parar o que está fazendo?

– Podemos nos mudar daqui.

– Para onde? Com o quê? Eu não tenho nada. Será que você não entende isso? – Ele deixou as palavras no ar e, quando ela não respondeu, prosseguiu: – Só estou tentando ser realista. É da sua vida que estamos falando. E eu... não posso mais fazer parte dela.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer que seus pais têm razão.

– Você não está falando sério.

Ele escutou algo muito parecido com medo na voz de Amanda. Por mais que quisesse abraçá-la, recuou um passo.

– Volte para casa.

Ela andou em sua direção:

– Dawson...

– Não! – explodiu ele, afastando-se rapidamente. – Você não está ouvindo. Acabou, está bem? Nós tentamos, não deu certo. A vida continua.

Ela ficou pálida, o rosto quase sem vida:

– Então é assim?

Em vez de responder, ele se forçou a lhe dar as costas e andar em direção à oficina. Sabia que, se olhasse uma só vez para Amanda, mudaria de ideia. Não podia fazer isso com ela. Não faria. Enfiou-se debaixo do capô de seu carro e ali escondeu dela suas lágrimas.

Quando Amanda finalmente foi embora, Dawson deslizou até o chão de concreto empoeirado e ficou horas ali, até Tuck sair da casa e se sentar ao seu lado. Durante um bom tempo, o homem ficou em silêncio.



- Você terminou com ela – disse enfim.
- Não tive escolha. – Dawson mal conseguia falar.
- É – assentiu Tuck. – Também ouvi isso.

O sol estava alto no céu, banhando tudo com uma quietude que lembrava a morte.

- Eu fiz a coisa certa?

Tuck enfiou a mão no bolso e sacou um maço de cigarros, ganhando tempo antes de responder. Por fim, puxou um cigarro:

– Não sei. Não vou negar que parece haver certo encanto quando vocês estão juntos. E esse encanto torna mais difícil esquecer as coisas. – Tuck lhe deu um tapinha nas costas e se levantou para ir embora. Foi o máximo que jamais dissera sobre Amanda.

Enquanto Tuck se afastava, o rapaz estreitou os olhos contra o sol e as lágrimas voltaram a escorrer. Sabia que Amanda sempre seria a melhor parte dele, o “eu” que Dawson passaria a vida inteira desejando conhecer.

O que ele não sabia era que não voltaria a vê-la ou a falar com ela. Na semana seguinte, Amanda se mudou para o alojamento da Universidade Duke e, um mês depois, Dawson foi preso.

Ele passou os quatro anos seguintes atrás das grades.